

MACAPÁ, AP, 25 DE NOVEMBRO DE 1997

*Senhor Governador do Estado do Amapá, João Alberto Capiberibe; Dona Janete; Senhor Ministro do Exército, General Zenildo de Lucena; Demais Ministros de Estado que me acompanham; Senhor Senador José Sarney, ex-Presidente da República, ex-Presidente do Senado, homem que habita o coração dos amapaenses e dos brasileiros; Senhor Senador Gilvan Borges, importante no Senado Federal; Senhores Deputados; Senhor Vice-Governador do Amapá, Antonio Olegário de Alencar; Senhor Presidente da Assembléia, Deputado José Júlio de Miranda; Senhor Presidente do Tribunal de Justiça, Desembargador Gilberto Pinheiro; Senhor Prefeito de Macapá, nosso antigo companheiro de Congresso, Aníbal Castello; Senhor Diretor da Fundação Estadual de Cultura, João Milhomem; Senhores Deputados estaduais; Vereadores; Prefeitos; Senhoras e Senhores,*

Nossa visita, hoje, ao Amapá, ao Oiapoque, agora aqui, em Macapá, e há poucos instantes na Guiana Francesa – Saint Georges de l’Oyapock – , tem um significado especial.

E esse significado já foi aqui expresso pelos que me antecederam. O Senador Sarney, ao fazer referência à História portuguesa e brasi-

leira, de presença nessa margem do rio Amazonas, de maneira adequada, direta, mostrou o que significou para todos nós, brasileiros, o fato de, séculos atrás, esses homens terem se empenhado, com sua presença, com sua força, muitas vezes – algumas vezes com o seu sangue – para que essa parte do Brasil continuasse a ser, como é, brasileira.

O Senhor Governador do Estado, da mesma maneira, historiou o que aconteceu nesses rincões brasileiros. Mas é preciso ver. É preciso ter a emoção de cruzar o Oiapoque e ver a cidade do Oiapoque plantada às margens do rio. E ver, do outro lado, a cidade francesa nas Guianas, de ver essa selva imensa, quase intocada, e de ver a capacidade que teve o homem brasileiro e a mulher brasileira de manter esse território, de preservar o meio ambiente, de doar, com generosidade, essa função da nossa terra ao controle do Brasil.

Não é fácil. Séculos de luta. Séculos, talvez, de desamparo, de falta, mesmo, de atenção, de preocupação com essa porção do nosso território, de vê-lo bem cuidado. Vê-lo, primeiro, com a natureza preservada: não mais que 3% da floresta amazônica, aqui, nessa região, foi tocada pelo homem, ou foi destruída pelo homem, 97% dela continua intocada.

Riqueza brasileira, riqueza nossa, responsabilidade nossa, dizem, os pulmões do mundo. Pulmões, sim, mas são nossos. Porque o ar que aqui se respira é um ar puro, pois essas árvores são capazes de transformar o CO<sub>2</sub>, os gases maléficos que vêm, às vezes, de outro hemisfério e que se transformam em oxigênio respirável.

Portanto, o trabalho dessas gerações anônimas de brasileiros, continuado hoje pelos que aqui estão, é um trabalho que tem um sentido que transcende, até mesmo, o Brasil, porque abrange o conjunto da humanidade.

Em nosso país foi preciso que houvesse gente com descortino, que fizesse um Forte como este, que é um Forte único, talvez, equivalente, na nossa região latino-americana, ao de Cartagena, na Colômbia.

Mas, depois de restaurado este Forte, com o apoio que darei, do Governo Federal, com a ajuda do Exército brasileiro, com o apoio do governo e do povo do Amapá, não haverá Forte nenhum, no continente

latino-americano, que se equivalha à sobriedade, à grandeza, à imponência, à beleza deste Forte.

Forte que há 300 anos foi feito, inicialmente, pelos franceses. Forte que, depois, os portugueses reconstruíram e que nós, brasileiros, conseguimos manter. E, se em algum momento, este Forte teve um prisioneiro – e alguns aqui estão –, hoje este Forte é símbolo de liberdade, é símbolo de um povo que, porque ama a liberdade, manteve seu território. Por isso mesmo, hoje é monumento nacional, é monumento democrático, é monumento do nosso Exército defendendo a nossa pátria e a nossa terra. Não são muitos os fortes que equivalem a este, não só no Brasil. Aqui, nesta Região Amazônica, os portugueses tiveram a sabedoria de implantar vários fortes. Num deles, também meu pai esteve preso, na Revolução de 1922, aqui, em Óbidos, um pouco mais acima.

Quando menino, eu ouvia histórias fabulosas de um forte à beira do rio Amazonas. Mal sabia que, um dia, pela generosidade do povo brasileiro, seria Presidente da República e teria a possibilidade de vir aqui, de pisar no Amapá e de rever um pedaço da nossa história, viva, muito forte, pela ação de vocês amapaenses. Hoje, com grande alegria, é que me encontro aqui, neste momento, para agradecer a este povo o fato de ter mantido este monumento histórico e ter preservado esta parte do Brasil.

E o Presidente Sarney mencionou em seu discurso algo que é verdade – e embora eu possa ter discordado de pontos específicos do governo dele, como ele discorda de pontos do meu governo, nós dois temos um sentimento comum de que há momentos, na História, em que não contam as pequenas diferenças, que há momentos em que nós temos que nos unir pelo Brasil. E o Brasil sabe se unir. O Brasil sabe perceber a hora em que é preciso um conagraçamento e sabe, sente que, neste momento, quando nós estamos em franco progresso, quando nós temos o Plano Real, que redimiu milhões de brasileiros, tirando-os da miséria, que, neste momento, mais que nunca, nós, brasileiros, temos que estar unidos na preservação dos nossos interesses. E o nosso interesse, se está simbolizado, hoje, na liberdade, na conquista que este Forte representa, está também simbolizado no fato de nós sermos capazes de, juntos, vencer a inflação, de ter vencido a

inflação com uma moeda forte, que assegura o valor do salário do trabalhador.

É por isso que ouvi as palavras do Senador Sarney com muito entusiasmo. Quero agradecer aqui aos Parlamentares do Amapá, que não me faltam, que não me têm faltado. Aqui está o Senador Gilvan Borges, que nos acompanhou. Aqui está Fátima Pelaes. Aqui está Antônio Feijão, o Deputado Murilo, o Deputado Marcelo, o Deputado Aldenor. Todos eles, quando votam, em Brasília, podem vocês ter certeza, estão pensando no Brasil e no Amapá. Ao votarem, como votaram, pela reforma administrativa, eles o fizeram porque sabem que têm um Presidente que não está aqui para desmontar o Estado, não está aqui para perseguir ninguém, está aqui é para reconstruir o Brasil e não vai fazer outra coisa senão preservar os legítimos interesses deste povo, que não vai construir o futuro nos escombros e decisões mal tentadas.

Por isso mesmo, agradeço aos Deputados, agradeço aos Senadores e peço-lhes que continuem apoiando, tenham tranqüilidade e coragem, como sempre tiveram, de votar as reformas necessárias, porque o povo sabe entender. O povo só não desculpa aqueles que são débeis, que não têm firmeza, que não têm franqueza, que não são capazes de expor as suas opiniões, lutar por elas e defendê-las. E que sim, como tão bem disse o Senador Sarney, quando percebe que a opinião está errada, quando há argumento que se contrapõe a elas, não existe a vontade do rei. O que existe é a consciência cidadã e democrática de quem chefia esta nação. E, quando percebe que, por acaso, há um engano, que deve e há de corrigi-lo. Isso é um fato. Todas as vezes que me alertaram quanto a algum equívoco, eu nunca deixei de corrigir o equívoco. Mas também peço, peço com empenho, com reciprocidade, dos brasileiros, que os caminhos traçados com o apoio das urnas, o apoio do povo, não sejam desviados por interesses menores.

E é por isso que eu, ao agradecer à bancada do Amapá, ao agradecer àqueles que nos têm apoiado em Brasília, peço e tenho certeza: vamos continuar juntos nessa caminhada, caminhada que, certamente, hoje requer ações. Uma delas está sendo tomada. Nesta manhã ou nesta tarde, lá na conversa com o Presidente Chirac, todos os argumentos que

ouvi – e eu os ouvi do Presidente Sarney há muito tempo, eu os ouvi dos deputados do Amapá há muito tempo, dos senadores do Amapá há muito tempo e hoje o Governador repetiu aqui, com o argumento e com o sentido de que a integração entre o Amapá e a Guiana é o imperativo da região e do Brasil. E encontramos no Presidente Chirac a mesma disposição.

A ponte, Presidente Sarney, será feita. A ponte será feita porque o presidente Chirac me disse que, dentro de dois anos, fará, e os senhores todos são testemunhas, durante o almoço, que até disse com humildade que a França precisava de uma pequena colaboração diante da riqueza da União Européia, o Brasil contribuirá com a sua parte, porque o Brasil quer ver um Amapá forte e ligado à França, ligado à Guiana, para prosperar, para crescer e para desenvolver.

Assim como sei da importância da ligação do Jari, posso afirmar que, com a ênfase que dei, nesta manhã, tomando a decisão da ponte sobre o rio Oiapoque, com a persistência da bancada do Amapá, nós teremos condições de chegar perto, como todos desejamos, da ligação do Brasil de norte a sul, através dessa travessia, que permitirá a integração viária do Amapá com o resto do Brasil.

Quero também lhes dizer que determinei ao Presidente do Banco Central que transformasse o Banco do Amapá em um banco de fomento e de desenvolvimento e que isso será feito. Será feito atendendo às necessidades da Região. Assim, da mesma forma, quando nós tomamos decisões duras – e sempre que for necessário eu as tomarei – para sanear os bancos. E aqui a responsabilidade não é oficial, todas as vezes que forem necessárias medidas duras para sanear os bancos, nós as tomaremos. E todas as vezes que for necessário preservar o interesse das Regiões, nós também estaremos prontos para preservar, como estamos fazendo, agora, determinando que se constitua um banco de fomento para ajudar o crescimento dessa região do Amapá.

Assim, Senhoras, Senhores, Crianças, sobretudo as Senhoras tão simpáticas que dançavam à minha chegada, essa comitiva tão talentosa que aqui se encontra, só tenho uma palavra de gratidão a vocês todos, por esse dia longo, mas prazeroso, que estou passando aqui no Amapá.

E podem ter a certeza de que isso reanimará em mim o propósito de seguir adiante para que as nossas fronteiras sejam fronteiras vivas, para que elas que se integrem e para que essa integração não seja em detrimento do meio ambiente, para que essa integração, nos dias de hoje, como é óbvio, não tenha qualquer outro significado senão a vantagem recíproca, porque numa boa aliança os dois lados podem ganhar. Eu vi hoje nas ruas das Guianas gente que não sabia que língua falar. Cumprimentava em francês e respondia em português, cumprimentava em português e respondia em francês, tal a identidade que ali se formava, tal o ambiente de fraternidade que ali se formava. Uma verdadeira fronteira viva que, certamente, será reforçada com esta ponte e com esta estrada.

Por todas essas razões, ao me despedir, quero reiterar os meus agradecimentos. E quero também, se ainda posso dizer assim, me desculpar pelo fato de que recebi dessa região do Amapá uma votação consagrada. Cerca de 70% dos votos, e é a primeira vez que posso vir ao Amapá. Era eu um devedor do Amapá, continuo sendo. Como Presidente, sou devedor do Brasil inteiro. Mas sou em especial das regiões mais remotas como as do centro do Brasil, que são regiões tão vivas de brasilidade e tão generosas que me ajudaram, de maneira ímpar, a me colocar na Presidência da República. Sou, portanto devedor. E pouco estamos podendo fazer, creiam em mim. É o começo. Estivemos juntos, como estaremos todos nós, nos momentos decisivos, estivemos sempre presentes, como cremos que nossa função, a nossa missão, é atender ao povo e é servir ao Amapá. Podem ter certeza de que, pouco a pouco, aquilo que todos desejamos, que é maior expansão econômica, mais empregos, mais trabalho, mais felicidade, mais bem-estar, mais educação, mais saúde no Amapá, que é um bom desempenho na educação, tudo isso, com nossa luta contínua, de mãos dadas, será conseguido.

Muito obrigado a todos.